V.1 - QUALIDADE AMBIENTAL

Neste inicio de século, quando as tecnologias de gestão estão ultrapassando alguns limites de sua história para ingressar em uma nova dimensão do conhecimento; neste momento em que o homem discute a sua própria trajetória e realiza uma espécie de ré-gênese de todas as coisas planejadas e gerenciadas em 2000 anos de cristianismo, verifica-se que as iniciativas de vanguarda vinculadas à evolução empresarial e humana parecem repousar sobre novos conceitos relativos à organização dos espaços, ocupados ou não. O homem, enfim, mostra-se realmente preocupado com o estado atual e futuro dos territórios que ocupou e pretende ocupar. Assim com as conseqüências da natureza e os efeitos dessa ocupação e uso subseqüente sobre a qualidade de sua própria vida. Outro aspecto que se destaca de forma surpreendente é a nítida obsolescência da idéia de que a aplicação de ciência e tecnologia na gestão empresarial e territorial é suficiente para corrigir ou impedir todos os males sociais, econômicos, políticos, culturais, biológicos e físicos, enfim, todos os males ambientais, no seu verdadeiro sentido.

A trajetória da gestão ortodoxa de processos, cada vez mais reclama a necessidade do homem, na qualidade de gestor, se tornar invulnerável às próprias sensações para dar lugar a uma fundamental racionalidade, apetrechada por infalíveis instrumentos gerenciais, desenhados sob medida para oferecer respostas eficientes aos mercados a que atende. No entanto, pouco se pode perceber acerca da racionalidade desses mercados, muito ao contrário. Assim sendo, é razoável admitir que poderá estar ocorrendo um processo de aprisionamento da racionalidade humana pela irracionalidade dos mercados que ela mesma criou e que se esforça para manter. E para confirmar a racionalidade desses mercados basta observar, intuitiva e humanamente, os espaços sociais, econômicos, políticos e culturais a que se inserem. Verifica-se em todos eles um processo de perda e deformação de suas vocações primitivas e espontâneas: o espaço social é anti-social e agressivo; o espaço econômico gera deseconomias sistemáticas e gratuitas; o espaço político deixou de negociar para se fechar em negociatas; o espaço cultural teve o seu perímetro drasticamente reduzido e agora cabe, aos pedaços, em pequenos subespaços. Não há como admitir que esta nova configuração da sociedade seja um fenômeno aceitável, senão que se constitui uma resposta natural ao processo doentio que desencadeia. Neste contexto, o homem vem sofrendo transformações essenciais. E para justificá-las como respostas a demandas compreensíveis, alguns conceitos básicos foram racionalizados à luz das novas necessidades.

Esta forma de visualizar o quadro atual e tendencial dos estilos, processos e dos atributos para o bom gerenciamento conduz a algumas considerações. A primeira delas refere-se aos tipos de relações que um ser humano deve e precisa manter com as estruturas, produtivas ou não, de que participa ao longo de sua existência. Além disso, o que este personagem aguarda em troca, a partir das relações que estabelece ou nas quais descobre envolvido Agora é possível responder a tese aqui apresentada é a de que a sociedade moderna, pela forma com que foi e ainda continua sendo predominantemente organizada em termos de suas relações com os meios de produção retirou do espaço humano, do ecossistema antrópico, uma série de elementos e propriedades que são fundamentais à estabilidade do fator ambiental Homem. Em contrapartida, o Homem, sistemática e homeopaticamente despojado de alguns de seus meios fundamentais de desempenho, dos mais primitivos aos mais sofisticados, reorienta a energia que seria utilizada nas relações sociais, culturais, econômicas, políticas (enfim ambientais) que antes mantinha, no sentido de buscar um novo estágio de estabilidade no ecossistema alterado em que habita. No entanto, ainda nas ordens físicas, químicas e sobretudo biológica, ele ainda não foi tão transformado, a ponto de que a satisfação das expectativas de relações fundamentais, nestas ordens, pudessem ser contidas ou desviadas sem ônus para o seu desempenho global.

Observa-se uma gradação de demandas do Homem com relação à sua própria evolução. A sucessão deste ciclo não se constitui, contudo, em um processo linear, mas em um processo multidimensional, dialético, onde o individuo pode apresentar sinais evidentes de estar vivenciando uma ou várias etapas do ciclo de satisfação de suas necessidades, ou seja , estar parcialmente realizado em suas aspirações, desde as mais simples, ate as mais complexas.

Em todas as relações efetuadas, os indivíduos transacionam energia e matéria sob diversas formas (inclusive moeda), quer seja com outros indivíduos, quer seja com o próprio ambiente, através dos demais fatores ambientais com que interagem, voluntariamente ou não: ar, água, solo, fauna, flora e microbiota. É possível dizer, portanto, que existem relações ambientais voluntárias e relações ambientais involuntárias. As primeiras podem ser gerenciadas exclusivamente pela razão e pela tecnologia disponíveis. As outras, embora não prescindam da racionalidade e da tecnologia, exigem, em igual intensidade, outros atributos humanos, tais como princípios, ética, civilidade e emoção. As primeiras podem ser controladas, orientadas e otimizadas através de mecanismos de gestão, resultando na eficiência das transações envolvidas. As outras nem sempre são visíveis, podem ser virtuais, intangíveis, e também podem ocorrer tão distantes que os olhos não vêem, o coração não sente e a emoção não precisa ser incomodada... No entanto, relações de ambas as naturezas permanecem sendo processadas indistintamente e seus resultados finais nem sempre são esperados em termos de qualidade de vida. O Homem, de um lado, satisfaz as necessidades associadas à

disponibilidade e ao uso de tecnologia. De outro, cria e acentua carências em termos estruturação e diversificação de sólidos princípios comunitários, do desenvolvimento permanente de seus sistemas de valores, da sua capacidade de se organizar de maneira aberta e participativa, de atuar em conjunto e orientado para a sua própria comunidade. Resultam deste processo as disfunções dos espaços políticos, econômico, social e cultural. E, conseqüentemente, a natureza das relações ambientais mantidas em cada uma destas instancias é modificada. O individuo passa a incorporar ao seu desempenho, atributos que o capacitam a navega neste novo contexto e passa relacionar-se com base neles.

A qualidade ambiental é visualizada na forma de desenvolvimento sustentável com a aplicação de novas tecnologias que visem à melhoria da qualidade do ar, qualidade da água e qualidade do solo.